

## MENSAGEM HISTÓRICA

É assim que pode classificar-se a comunicação feita aos portugueses pelo seu grande Chefe, General Spínola, ao meio dia de 27 de Julho. Sabemos que uma das grandes chagas que têm feito sofrer os portugueses, tem sido a guerra colonial: Açougue de vidas, sorvedouro de dinheiro, espectro terrível para toda a Juventude portuguesa e motivo principal do descontentamento geral da massa estudantil e da deserção de muitos jovens para fora da sua Pátria. A Mensagem do Chefe de Estado foi saudada em todo o território como o princípio de uma nova ERA.

O reconhecimento imediato do direito dos povos ultramarinos à sua independência; a planificação, programação e execução do processo de descolonização e a transferência dos poderes do processo de descolonização para as populações desses territórios, constituem os três pontos principais da história Mensagem. Transcrevemos a primeira parte da comunicação feita ao País:

«Se há hora grande na História e na vida de um Povo, essa é, sem dúvida, a do seu reencontro com a vocação, a fisionomia e a forma de ser e de estar no mundo que lhe são próprias. Portugal vive hoje essa hora grande; e é com a mais viva emoção que dirijo ao Povo Português de à quem e além-mar, na mais perfeita coerência com a nossa tradição histórica e com o ideário que nos preside e nela se inspirou, a declaração formal de haver chegado o momento de reconhecer às populações dos nossos territórios ultramarinos o direito de tomarem em suas mãos os próprios destinos, concretizando-se, desse modo, o desenvolvimento da política de autenticidade que sempre defendemos.

Somos um povo essencialmente pacífico que através dos tempos sempre buscou na aventura o suprimento das

(Continua na pág. 4)

## «Que os portugueses estejam atentos às lições do passado»

Foi divulgada uma carta pastoral do episcopado da Metrópole sobre o contributo dos cristãos para a vida social e política, em cuja redacção colaboraram todos os bispos actualmente no activo nas dioceses da Metrópole (ou, pelo menos, de-

### BISPOS TOMAM POSIÇÃO

ram-lhe a sua aprovação final). Na redacção colaboraram ainda alguns bispos do Ultramar e diversos sacerdotes e leigos.

A carta datada de 16 do corrente, tem como pontos fulcrais uma leitura evangélica de 25 de Abril, o conceito cristão de democracia e os critérios da escolha de um partido político.

Abre com uma introdução em

que se apontam como contributo específico dos católicos para a vida social e política «a iluminação evangélica e a animação cristã da ordem temporal».

A primeira parte encara a revolução de Abril a uma dupla luz. Em primeiro lugar a luz da História. «A esta luz, diz-se no documento, começa a tomar-se consciência de que o momento presente, é na vida nacional, o encerrar simultâneo de dois períodos históricos: o período de meio século dominado pelo regime autoritário agora derrubado; e o período superior a cinco séculos iniciado pela epopeia marítima».

«O primeiro de Maio de 1926 a Abril de 1974, há quem o interprete como resultado de um duplo acidente na caminhada histórica do povo português: uma experiência de vida democrática mal sucedida, depois de

(Continua na pág. 3)

## O LOBO MAU

Toda a gente quer que se continue a publicar alguns excertos do ainda inédito mas antecipadamente besteselerizado D. P. P. (Dicionário de Política Portuguesa. Não confundir com o P. P. D. que é ao contrário). Isto é um ver-se-te-avias, mas «quando o público gosta não há nada a fazer»... — como diz um conhecido humorista.

Da leitura dos últimos comunicados dos partidos e repartidos que entre nós se dão cada dia, da atenção prestada às declarações dos líderes em comícios, e através dos jornais e outros meios de informação, foi possível colher o âmbito e conteúdo do novo conceito de FASCISTA, o lobo mau da fábula nacional.

Deste modo, o novo Dicionário registará na letra F o vocábulo seguinte:

FASCISTA — Após 25 de Abril, designa todo e qualquer cidadão que, em Portugal, se situe à direita do

P. C. P. ou, pelo menos, do P. S. P. (iniciais de Partido Comunista Português e de Partido Socialista Português, e não como insinuam os mal intencionados, de Partido Capitalista Português e Polícia de Segurança Pública).

Antigamente os fascistas chamavam, a todos os outros, «comunistas».

Estes, agora, chamam a todos os outros «fascistas».

Algumas locuções de uso mais corrente: «ou concordas comigo» ou és fascista».

Para a Junta de Freguesia de Cabeça de Alho o Movimento Democrático apresentou a sua lista, que ganhou por larga margem, pois era a única que não era fascista. Fica pois salva a honra democrática em Cabeça de Alho.

O fascista de após 25 de Abril é o bode expiatório de todas as calamidades.

Como outrora o bode era o «comunista». Daí já ha-

ver quem diga que do fascista ao comunista não vai nada...

Se há despedimentos, a culpa é dos fascistas...

Se há greves, a culpa é dos fascistas...

Se há crise no governo provisório, a culpa é dos...

Se há cólera a culpa é dos americanos (sinónimo de fascista) que mandaram cá a CIA enxofrar o país com bactérias...

(Continua na pág. 2)

## OFERTA DE 500 CONTOS AO HOSPITAL DA MISERICÓRDIA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS, 1 — O sr. Provedor da Santa Casa da Misericórdia desta vila convocou para ontem à noite uma reunião extraordinária da Mesa, a fim de lhe dar conhecimento de que o ex-Provedor, Dr. Ernesto de Araújo Lacerda e Costa, falecido em Janeiro último, deixara recomendação a seus herdeiros para estes entregarem à Misericórdia da sua terra o donativo de 500 000\$00, o que só agora foi tornado público por vontade expressa do doador.

A Mesa, agradavelmente surpreendida com tão generosa oferta, prestou sentida homenagem à memória do saudoso benfeitor e agradeceu a respectiva comunicação aos ilustres herdeiros do extinto, ao mesmo tempo que deliberou, em princípio, aplicar aquela avultada importância em obra de assistência de reconhecido interesse local, pensando desde logo na construção de um pavilhão-albergue de Velhos, anexo ao Hospital, obra essa que esteve sempre na mente do Dr. Ernesto Lacerda, a quem se ficou a dever já a construção e apetrechamento do moderno e funcional hospital concelhio.

Deste modo, a concretizar-se esta velha aspiração local, dar-se-á execução ao belo sonho daquele benemérito e ilustre filho de Figueiró, dotando-se o concelho com mais uma maravilhosa obra de assistência, para o que a Mesa conta com a necessária ajuda do estado.

(Continua na pág. 2)

# Noticiário

## Por FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Dos recentes acontecimentos conflituosos de Luanda, foi vítima o sr. Manuel Coelho, de 30 anos, comerciante, natural de Figueiró dos Vinhos.

## Por PEDRÓGÃO GRANDE

As potentes máquinas recommecaram a esventrar a terra, na abertura do último troço da E. N. 2, entre o Alto da Louriceira e Alvares, adjudicado por 34 524 670\$30, em Julho do ano passado.

Como se sabe, as obras estiveram paradas durante algum tempo.

## Pelo SINGRAL

Celebrou-se, como anunciámos, mais uma vez a Festa de S. Tiago nesta povoação. Os seus naturais, quase todos labutando em outras terras, de novo aqui vieram matar saudades.

Celebrou a dita festividade o sr. Prior de Arega, por o nosso Pároco estar impedido por outros serviços.

Foram nomeados mordomos os srs. Mário Rodrigues Marques e Antero Rosa dos Santos.

## Por CAMPELO

### Casamento

A 20 de Julho celebraram matrimónio, em Fátima, os senhores Manuel Loja Nunes e D. Lucília da Conceição Loja. O noivo é natural de Campelo e a noiva foi aqui professora da escola primária e é natural de Proença-a-Nova.

Ao novo casal votos de felicidades.

### Festa de N.ª Sr.ª da Graça

Decorreu com o brilho costumado a festa de Campelo em honra de N.ª Sr.ª da Graça, no passado dia 4 de Agosto.

Foram nomeados mordomos para 1975 os srs. Aurelindo Neto Lopes, Eugénio Martins Simões, Carlos Antunes S. António e João Salgueiro.

## Por VILAS DE PEDRO

### Casamento

No dia 9 de Junho contrairam matrimónio os srs. João das Dores dos Santos e Maria Cesaltina das Neves Costa, ele filho dos srs. Manuel dos Santos e Maria das Dores, do Vale do Vicente, e ela filha dos srs. Aníbal da Costa Ângelo e Celeste das Neves Abreu, desta povoação.

Foram padrinhos do noivo os srs. Manuel Coelho Várzeas e Idalina dos Santos e da noiva os srs. António Neves Costa e Idalete das Neves Abreu.

Parabéns e que sejam felizes!

### Baptizado

A 5 de Agosto foi baptizado o menino Abílio Henriques

dos Santos, filho dos srs. Aires dos Santos e Maria de Lurdes Simões Henriques, residentes em França.

Os padrinhos do neófito são os srs. Abílio Chaves Carocha, de Figueiró dos Vinhos e Maria Cesaltina Neves Costa dos Santos, desta povoação.

Felicitações aos pais e padrinhos e votos de que venha a ser um bom cristão o menino agora baptizado.

## Pelo PÉ DE JANEIRO

Têm continuado os trabalhos da construção da ponte sobre a ribeira de Alge que irá dar passagem à estrada, chamada do Espinhal, e que a nossa freguesia espera com ansiedade, pois esta lhe dará melhor comunicação com o resto do Mundo. As chuvas de Junho retardaram o começo dos trabalhos da ponte, mas agora pensamos que daqui a uns 3 meses já podemos passar pela estrada para ir para Lisboa ou Coimbra.

## «OUTRO CASO SOLJENITSINE»?

O romancista soviético dissidente Vladimir Maximov, acompanhado de sua mulher, partiu de Moscovo para Paris, onde permanecerá, a convite do Pen Club. No princípio de Fevereiro o autor dos «Sete Dias da Criação» solicitara autorização para sair da Rússia, mas o pedido fora indeferido, até que, inesperadamente, no próprio dia em que Soljenitsine foi expulso, recebeu a informação de que poderia partir para o estrangeiro quando quisesse.

Oficialmente, Maximov, que fora expulso em Agosto do ano passado da União de Escritores, vai passar ano e meio em Paris, mas admite-se que o Soviete Supremo venha a retirar-lhe a cidadania soviética. Profundamente religioso, o escritor já esteve várias vezes internado em «clínicas» psiquiátricas, que é o método moderno de torturar.

E andam para aí a dizer que o Comunismo é que é bom!... Experimentem e não-de ver...

## DONATIVOS PARA A IGREJA

Recebemos 400\$00 do sr. Isidro Domingues da Conceição — Lisboa e três ofertas de 50\$00 de outras tantas pessoas, cujos nomes não divulgamos por serem ofertas inferiores a 100\$00, de acordo com orientação anterior.

## Introdução a uma carta

(Continuado da pág. 2)

e repouso, nas próximas férias. A menina não olvidou o meu pedido que satisfizesse, enviando-me, há poucos dias, a carta que, segundo o meu modesto critério e a ainda, limitada idade e cultura da epistológrafa, e, como a da irmã, merecedora de ser publicada. É este pedido que faço, aqui, ao meu Ex.mo Amigo, sr. Padre Manuel Ventura Pinho, digno Director do Mensário «NOTÍCIAS DE CAMPELO». A linguagem da carta é, realmente, simples, mas as ideias estão bem ordenadas e as coisas observadas, descritas com certa objectividade, o que confere à leitura da mesma carta algum interesse.

Cabe-me declarar, neste lugar, que a língua usada por minhas Sobrinhas nos seus estudos, é a inglesa. Da portuguesa, recebiam, em Lusaca, apenas duas lições semanais, de uma hora cada, por não disporem de tempo para ter dela um ensino mais intensivo. É verdade que, no convívio familiar, o veículo de comunicação usado, entre pais e filhos, é a língua pátria. Todavia, quando estive, em Lusaca, no gozo de quatro meses de férias proporcionadas por meus Sobrinhos, residentes naquela cidade, foi-me dado observar que as crianças, nas suas conversas e nas que mantinham com os primos, Paulo e Cristina, filhos dos meus Sobrinhos, Aníbal e Belmira, com residência, igualmente, na capital da Zâmbia, faziam mais uso do idioma inglês do que do português para maior facilidade de comunicação. Foi esta mais uma das razões que me levou a pedir a publicação, em «O NORTE DO DISTRITO», da carta de Ana Maria e me leva, agora, a solicitar igual pedido, para a de Maria Isabel, em colunas do «NOTÍCIAS DE CAMPELO», convencido como estou de que as publicações das cartas possam contribuir para entusiasmar as minhas Sobrinhas a cultivarem, em maior ou menor grau, a rica, expressiva e maviosa LÍNGUA da sua e nossa Pátria — PORTUGAL.

JOSÉ RODRIGUES DIAS

N. B. — No próximo número publicaremos a carta que nos foi enviada por este nosso ilustre colaborador.

## Amigos do Jornal

Pagaram as suas assinaturas no passado mês de Julho os seguintes senhores:

150\$00 — o sr. Cipriano dos Santos — França.

60\$00 — o sr. João Cândido Loja — Pero Pinheiro.

50\$00 — os srs. Sigfredo Manuel dos Santos — Lx., João Morais Rosa — Campelo, Herculano da Conceição Loja — Vila Franca, Manuel Rosa Martins — Lx., Sérgio de Matos Varandas — Cacém, Isidro Domingues da Conceição — Lx., Celeste dos Santos Quintas — Amadora, Fernanda da Silva Lopes Pereira Martins — Reboleira e José de Jesus Rosa — Alferrarede.

40\$00 — os srs. Álvaro da Conceição Relvas — Vale de Cambra e Manuel António Rafael — Lx.

30\$00 — os srs. João das Dores Santos — Arrancada dos Vinhos, José Rodrigues Dias —

Lisboa, Américo Simões Ourives — Lousã, José Alves João — Lx., Alfredo Domingues Mariano — Tresposto, Guilhermina Cardoso Pinto — Fig. dos Vinhos, José dos Santos — Olivais Sul e Vítor Leitão Pedro — Fig. dos Vinhos.

25\$00 — os srs. Amadeu Simões Ribeira — Lx., Almerindo da Costa Ângelo — Pontinha, António da Piedade Júlio — Lx. e José da Piedade Júlio — Lx.

20\$00 — os srs. Mário Bento Duarte — Campelo, António João — Ribeira Velha, Jaime Simões — Campelo, José Henriques — Moita do Norte, Maria Rosa — Ribeira Velha e Luís Serra da Fonseca — Riacho.

### CONTAS

Recebido (publicado neste número) ..... 1.200\$00  
Despesas do n.º 50 ..... 1.882\$00

Como o saldo negativo se avoluma pedimos a todos os assinantes que ainda não pagaram as suas assinaturas o favor de o fazerem quanto antes. Qualquer meio serve. Durante as férias vamos pôr em ordem os ficheiros e mandar nota aos atrasados. Se houver qualquer engano é favor Obrigado.

## Fins matrimoniais

António da Silva, viúvo de 40 anos, morador no Casal de Santo António do Outeiro de Montelavar — Pero Pinheiro — Sintra, deseja conhecer menina ou senhora viúva dos 25 aos 40 anos para fins matrimoniais.

Se alguma das nossas leitoras estiver interessada, entre em contacto com o referido senhor. Assunto sério.

## O LOBO MAU

(Continuado da pág. 1)

Se houver por aí papões que comem criancinhas são os fascistas...

E se não chover dentro de três dias é por culpa dos fascistas...

Mais: o patriotismo, que outrora era exclusivo da A. N. P. e afins, é hoje exclusivo do P. C. e afins (M. D. P., M. J. T., U. E. C.).

O mesmo se deu com a democracia, que também aí está concentrada por obra das massas de ar, pelo que se você se der conta de que está fora da área de cobertura terá que rever a sua posição.

Finalmente, se você quiser

estar com as F. A. (Forças Armadas) — e deve estar — tem de estar com o Partido Comunista. E isto pela lógica do sofisma que diz:

O P. C. está com as F. A. Ora todo o verdadeiro português deve estar com as F. A.

Logo: todo o verdadeiro português tem de estar com o Partido Comunista.

OBS. — Se tiver dúvidas sobre o que acaba de ler verá daqui a uns dias este artigo citado e o seu autor acoimado de FASCISTA.

H. C.  
(In «V. P.»)

# «Que os portugueses estejam atentos às lições do passado»

(Continuado da pág. 1)

se arrastar por cerca de um século; segunda da instituição de um regime que, sendo acolhido, numa iminência de crise colectiva, como de salvação e renovação nacional, não conseguiu escapar inteiramente à sedução de modelos totalitários em ascensão de prestígio na Europa do tempo». E os bispos concluem: «Que os portugueses atentos às lições do passado, impeçam a repetição de acidentes como estes».

O segundo período, de meio milénio da história de Portugal, encerra-se agora. Os bispos perguntam se a forma como termina não terá sido prejudicada pela política dos últimos decénios, que parece ter tido «um efeito de travagem no processo da natural evolução do Ultramar, precisamente numa altura em que as circunstâncias pediam a sua aceleração».

«Praza a Deus, concluem, se encontre em breve a solução digna e justa para o ingente e complexo problema do Ultramar, e em todo ele se instaure sem tardar a paz verdadeira que que todos ambicionamos».

## A IGREJA ADMITE ERROS

Nestes dois períodos, a Igreja marcou, como lhe é natural, uma presença incarnada, com os riscos que são inerentes a este tipo de presença — prossegue a carta.

Na gesta marítima, essa presença traduziu-se na grande obra missionária e civilizadora, que a Igreja em Portugal está disposta a continuar, mesmo depois dos territórios ultramarinos terem novo estatuto político.

No período do último meio século, as relações entre a Igreja e o Estado «decorreram, em quase todo o período, num clima de entendimento, sem prejuízo de clara distinção das respectivas competências; em termos, portanto, que é de desejar continuem substancialmente a vigorar».

Neste período, acrescentam os bispos, «não deixou a Igreja de sofrer com os efeitos do regime; e tem consciência de ter contribuído para os minorar. Se nem sempre os denunciou publicamente ou de formar por alguns desejada, muitas vezes o fez mediante diligências directas, como julgou mais oportuno ou eficaz num condicionalismo que não foi único na moderna história da Europa».

«Açeita, porém, que, tanto ao nível da hierarquia como do laicado, possam pesar sobre elas responsabilidades por erros cometidos ou partilhados. (...) Tem por isso sempre presente o convite evangélico à penitência, que lhe compete ouvir e pregar».

## CRÍTICA DOS ACONTECIMENTOS ACTUAIS

Depois de situar na história o 25 de Abril, o documento faz a crítica cristã dos acontecimen-

tos actuais, traçando a sua panorâmica com os respectivos claros e escuros.

Considera aspectos positivos aqueles que traduzem os valores de libertação sob cujo signo o movimento revolucionário se apresentou. Com esses valores, que são evangélicos, congratulam-se os bispos.

São aspectos negativos os abusos da liberdade e diversas irregularidades que provocam, no Portugal de hoje, a par da justa alegria, perplexidade e insegurança. Observam, no entanto, que é de esperar o clareamento destes aspectos sombrios quando passar a fase transitória da mutação em que nos encontramos.

Os bispos fazem ainda algumas considerações sobre os problemas maiores que os portugueses defrontam e têm de resolver: a reestruturação política do país e a ameaça de crise, além do já referido problema do destino do Ultramar.

Terminam com um apelo à consciência cívica e cristã dos portugueses, com especiais recomendações aos trabalhadores, aos empresários, aos poderes públicos e às organizações católicas.

## CONCEITO CRISTÃO DE DEMOCRACIA

A segunda parte do documento trata do conceito cristão de democracia.

Antes de apresentar este conceito, que desenvolve à base da rádio-mensagem de Pio XII no Natal de 1944, apresenta, à laia de introdução, a ideia geral e os conceitos liberal e marxista de democracia.

Estes conceitos, esclarece, inspirados por ideologias em grande parte incompatíveis com o Evangelho, contrastam com o conceito cristão, que «parte da ideia do homem como pessoa, livre e responsável, com destino próprio e transeendente, mas essencialmente solidário com os outros homens».

Desenvolvendo esta ideia, o documento acentua como próprio deste conceito de democracia a participação real e responsável de todos os homens na escolha e construção da sociedade em que se integram, no respeito da igualdade e dos direitos fundamentais de cada qual.

A realização desta democracia exige um certo grau de maturidade cultural e cívica dos cidadãos, uma apurada consciência moral e um forte sentido da solidariedade fraterna. «É sobretudo a este nível, das bases espirituais da verdadeira democracia, que a Igreja tem papel importante a desempenhar».

Concluindo, os bispos convidam «ao esforço comum por a realizar entre nós, fazendo-a descobrir ao nosso povo, cultivando o espírito que a deve animar e colaborando com inteligência e generosidade na construção das estruturas necessárias para lhe dar forma em todos os níveis e sectores da vida do país».

## POR UMA «JUSTA REGULAMENTAÇÃO» DA LIBERDADE DE IMPRENSA

Em complemento, a propósito destas estruturas, têm duas palavras, uma sobre o ensino livre e outra sobre os meios de comunhão social.

A respeito do primeiro, dizem que «o monopólio estatal do ensino poderá estar na lógica marxista das democracias populares, mas não da verdadeira democracia que advogamos. Nesta, como aliás podemos ver nos países de maior prestígio democrático o ensino é primordialmente livre, competindo ao Estado apoiá-la e suprir as suas lacunas com as estruturas do ensino oficial».

A respeito dos meios de comunicação social, dizem que, «se os queremos ao serviço da opinião pública, e não da massificação do povo ou de interesses de sector, é preciso que, entre nós, evoluam para uma liberdade de dignidade maiores». E acrescentam: «O repúdio do sistema de censura não exclui a necessidade de uma justa regulamentação da liberdade de Imprensa. Não basta, porém. Num contexto democrático, essa liberdade assenta sobretudo na consciência profissional dos homens da informação e no sentido crítico do público».

## «QUE PORTUGAL RECONSTRUIR?»

A terceira parte traz o título de «O cristão e a opção partidária». Começa nos seguintes termos: «O movimento de 25 de Abril, ao abrir as portas à democracia, lançou aos portugueses o desafio de serem eles a escolher e construir o Portugal de amanhã». E prossegue: «Uma pergunta de capital importância surge desde logo: que Portugal construir?»

Em resposta, os bispos dizem que uma infinidade de soluções se podem apresentar, e os cristãos são livres de escolherem, com excepto porém, daquelas «que assentam numa concepção do homem e da sociedade incompatível com o pensamento evangélico».

Os bispos reforçam nesta carta pastoral a posição já tomada há cerca de um ano, quando advogaram publicamente o pluralismo político.

Dão seguidamente uma série de regras práticas para orientação dos cristãos perante a necessidade de se definirem publicamente. Estas regras respeitam ao dever de votar, à liberdade de se inscreverem ou não num partido, ao que podem ou não esperar da hierarquia em matéria de indicações concretas, e aos critérios a seguir para a opção partidária.

Nestes critérios, os bispos desenvolvem dois pontos: o conteúdo dos programas dos partidos e as ideologias que os inspiram. Quanto às ideologias, descrevem e tomam posição de re-

# Trabalho e disciplina

M. ÁLVARO V. DE MADUREIRA

Depois de tanta balbúrdia provocada por elementos da pior espécie — os cobardes de ontem querem passar hoje por heróis —, parece que os governantes estão decididos a contribuir para o triunfo da razão e da ordem, para o estabelecimento de um clima propício ao trabalho, à criação de riqueza de outros valores mais altos.

Claro que poderia ter sido muito pior e que tudo o que aconteceu, ainda não nos lançou no abismo.

É certo. Ainda não houve morticínios, ainda não houve guerra civil. Mas o que aconteceu e está a acontecer de mal, já chegou e chega. Os milhões de horas perdidas para a economia nacional por greves desatinadas — não falamos das greves justas —, as numerosíssimas empresas, pequenas e médias, ameaçadas de falência, os quarenta e tantos mil desempregados, «a inversão de toda a ética, a pretexto de liberdade, inversão a que se assiste quotidianamente nas ruas, nas empresas, nas escolas e, até, em sectores da função pública de alta responsabilidade social», segundo observou o Senhor General Spínola, tudo isto já é bastante.

E não vamos evitar uma nova ditadura, depois de ela chegar — então voltará o silêncio, voltará a noite —, não vamos evitar uma guerra civil, depois de ela eclodir. É agora.

E não podemos atribuir todos os males aos «fascistas». É cómodo, mas não é justo, arranjar sempre um bode expiatório fora das nossas fileiras.

Como lembrava o Senhor Presidente da República na tomada de posse do segundo Governo Provisório, não se pode aceitar «que se continue a atribuir apenas às forças da reacção as origens dos desmandos que, a pouco e pouco, começam a revelar o contexto em que se inserem», e também «é impossível atribuir a reacções espontâneas a inversão de toda a ética», a que acima fizemos referência.

Evidentemente pode atordoar uma povoação o barulho de meia dúzia de tambores, pode atordoar uma rua o motor dum triciclo do lixo ou dum carro que vai para o sucateiro...

Mas, seja qual for o valor dos perturbadores, é necessário acabar com a perturbação, pois «encontram-se em jogo o prestígio do povo português e a liberdade de que desejamos usufruir». «O clima em que temos vivido, terá, pois, de terminar, na medida em que por essa via não poderemos construir o País livre, democrático, digno e próspero, em que os portugueses desejam viver».

Para manter a liberdade, para criar riqueza e outros valores mais altos para realizar a justiça, sem a qual não pode haver paz, é absolutamente necessário e urgente estabelecer um mínimo de disciplina e promover o máximo de trabalho.

(DA «VOZ PORTUGALENSE»)



## RIR NÃO FAZ MAL

Estou preocupada com a vizinhal Sempre que lhe falta alguma coisa, vem pedir-ma. Agora acontece que o marido a deixou...

—★—

Seis empregados tentavam levantar um caixote para cima dum camião, sem conseguirem mexê-lo.

Chegou o patrão que resmungou:

—Então não podem com isso?

—Não, responderam eles.

—Vai então o patrão, pega nele sozinho e põe-no em cima da carroçaria.

Um dos seis observou:

—Assim qualquer um..., fazendo força...

serva ou condenação relativamente ao socialismo, ao marxismo e ao liberalismo, encarando este último sobretudo na sua projecção capitalista.

Finalmente, dão algumas orientações da carácter pastoral sobre o papel que os leigos e sacerdotes podem ou devem desempenhar na formação sócio-política das diversas camadas da população, e sobre o uso — que condenam — dos salões paroquiais e outras instalações da Igreja, pelos movimentos e partidos políticos.

Os bispos terminam com palavras de confiança no futuro de Portugal.

Num restaurante, o cliente dirige-se ao criado de mesa:

—Isto é de pasmar! O frango que acaba de servir-me tem uma perna mais curta do que outra.

—Mas, responde o criado, o senhor quer o frango para comer ou para dançar com ele?

—★—

Dois compadres falam de cães. Diz um:

—O instinto dos cães é admirável!

—É verdade, acrescenta o outro; há cães mais inteligentes do que os donos.

—Sim. O meu é um deles.

—★—

Ó comadre, o meu Bonifácio está doente. Mandei chamar o médico e disse-lhe que devia ser gripe asiática.

—E o médico o que disse?

—Disse que devia ser antes gripe espanhola.

—Mas porquê?

—Por causa do bater dos dentes; fazia um barulho igual ao das castanholas.

—★—

—Que tal lhe parece a minha língua, sr. doutor?

—Oh! a pior cá da terra, senhora Leocádia!



## DOIS DEDOS DE CAVACO...

— Ora viva o meu amigo sr. Torcato!... então como tem passado?

— Olá, João, estava longe de pensar que estavas tão perto de mim. Eu cá vou indo como os velhos do meu tempo, mas gostando sempre de saborear as alegrias do presente.

— E julgo que agora há motivos para estar alegre. Tiveram cá a Revolução do 25 de Abril, sem tiros nem desordens, e que nos vem trazer mais liberdade e mais bem-estar.

— Assim o espero, amigo João. Sabes?... isto andava a ficar muito mal, não nos deixavam piar, e, se alguém piava ia logo para a cadeia; compreendes?

— Muito bem, sr. Torcato. Mas nós, os mais novos, já andávamos há muito ansiosos para que isto acabasse. Olhe que mete dó a situação de tantos rapazes lá pela França, que já não visitam as famílias há mais de meia dúzia de anos. Alguns lá casaram, outros até se legalizaram franceses para cá poderem vir sem serem apanhados para a tropa.

— Olha, rapaz, lá que ficassem por lá à espera de melhores dias, ainda se compreende, mas que tenham renegado o sua nacionalidade, isso é feio; não te parece?

— Parece, sim, senhor Torcato. Eu sempre aconselhei os que me falavam nisso, a não fazerem tal coisa.

— Então, como receberam vocês lá na França a notícia do Movimento das Forças Armadas?

— Eu nem sei como lhe contar, sr. Torcato. Aquilo era uma loucura!... Principalmente a malta nova juntava-se por lá naqueles «Foleres» a gritar Viva Portugal!... cantavam, dançavam, bebiam até cair de bêbedos. Uma loucura de contentamento.

— E o que dizem por lá a respeito das manifestações públicas feitas por essas cidades fora, e às greves e exigências da classe trabalhadora?

— Nós não estávamos acostumados a ter por cá estas coisas, mas comparando com a vida dos franceses, pareceu-nos que o nosso povo começou com pressa de mais. As greves são sempre ocasião de grandes prejuízos, e agora que somos um povo livre devemos pensar primeiro que tudo em trabalhar cada vez mais para

que o País se recomponha dos males do passado. Bem sei que andava para aí muita gente a trabalhar e não passava da cepa torta. Os patrões é que arrecadavam a fortuna. Isso tinha e tem de acabar. Mas, antes da greve, era melhor dar um passo para resolverem o problema, nomearem comissões para isso, e depois, se eles não os ouvissem, então a greve.

— Estou de acordo contigo, João. Olha que ficou para aí muita gente que julgava que: à sombra da liberdade podia entrar pelas casas dentro e bater o pé diante dos donos e dizer— aqui mando eu—. Outros julgavam que podiam desferrar-se de todos aqueles que não gramassem. Olha que o Felisberto, que tem sido um perulário e tem derretido tudo na borracheira, foi bater à porta do Florêncio e dizer-lhe:— É amigo, vem aí a lei da igualdade, tens de repartir comigo os teus bens; isto agora não é teu; é nosso».

— Ó rapaz, o Florêncio sai lá de casa furioso e disse-lhe:— «Ó meu malandro, pensas que eu andei toda a minha vida amargurado para ti?... safate-te daqui para fora antes que eu te esgalhe com o olho da enxada.» e o Felisberto não teve outro remédio senão cavar dali para fora.

— Sabe, sr. Torcato, todas essas cenas são fruto da ignorância ou da estupidez. Há que instruir essa gente e prepará-la para não criarem dificuldades aos Governantes, Tudo o que seja desordem é contra a Ordem; e a Ordem é o que o Governo deseja mais no país. Isto, a pouco e pouco vai ao sítio. O povo estava acorrentado há muito tempo, e, uma vez em liberdade, reagiu em demasia. Salvo o devido respeito, comparo a reacção de alguns com o que fazem os meus cães: como estão sempre presos, lá vem um dia em que se rebenta a corrente e, logo que se sentem à solta, desandam numa corrida louca por todos os quintais da vizinhança, mas, trancada aqui, trancada dali, passado algum tempo voltam a casa. Estou certo que, depois desta euforia toda, também toda a gente regressará à calma para colaborar com as Autoridades na construção do Portugal Novo.

— Deus te ouça, João.

## Mensagem histórica

(Continuado da pág. 1)

suas carências. Ontem como hoje, foi a procura em terra alheia de uma vida melhor que motivou os portugueses na demanda de novos mundos. E, se os sucessivos modelos políticos da história do Mundo permitiram uma configuração imperial da nossa superestrutura, não poderá daí, de forma alguma, concluir-se termos sido, em algum tempo, um povo de vocação imperialista. Bastaria para tanto, recordar que, exactamente quando as fronteiras de África eram talhadas à mesa das conferências europeias pelos impérios coloniais recém-desaparecidos, já entre nós se levantam as vozes dos soldados de África defendendo as teses da autêntica emancipação colonial. Teses que, surgidas com o liberalismo, reformuladas nos últimos anos da Monarquia e retomadas na vigência da I República, traduziam a essência de uma política ultramarina legitimada pelo concenso moral tornada autêntica pela prática constante do humanismo lusitano.

## A IDADE DO MUNDO

Dizem que é falta de cortesia perguntar a uma pessoa sobretudo a uma senhora a idade que tem. É que a pergunta corre o risco de ser interpretada como uma forma indirecta de lhe chamar velha.

Ora a idade avançada e a velhice nem sempre são sinónimos. Uma pessoa que morre com 96 anos, aos 80 ainda não é velha. Pelo contrário quem parte aos 60 aos 58 já atingiu a velhice. Tudo é relativo na vida. E como ninguém sabe quando partirá desta para melhor bom seria tomarmos por modelo certa pessoa que ao perguntarem-lhe pelos anos, responde assim: «Sou um jovem de certa idade».

Mas deixemos estes considerandos e vamos ao ponto.

O Mundo será velho ou novo? Quantos anos tem, e quantos lhe restam ainda?

Perguntas apaixonantes, sem dúvida, às quais o homem nunca saberá responder. Deus que o criou, se lhe passou certidão de nascimento guardou-a muito bem guardadinha, e ninguém ainda lhe pôs o olho. Nem é natural que qualquer geólogo a descubra nalguma caverna. Do mesmo mo-

do, se o Criador lhe passar a certidão de óbito, já não teremos ensejo de a consultar, aqui em baixo. Portanto, melhor seria estarmos caladinhos e deixar estes assuntos a Quem tem competência para os resolver.

Mas os homens foram mordidos pelo bicho da curiosidade e gostaram sempre de meter o nariz em tudo.

E assim, querem convencer-nos de que a vida humana já existe na terra há cerca de 60 000 anos. Quer dizer que o nosso pai Adão e a sua consorte Eva regalaram-se com o calorinho do mesmo sol— na falta de outro aquecimento—, há 600 séculos. Impressionante, sem dúvida.

E o mundo quando começou? Bem. Aqui os chamados sábios apresentam-se mais cautelosos. Dizem que o mundo tem **bilhões de anos**. Ora aí está uma forma de dizer: **Não sabemos**.

Porque não sabem mesmo, nem talvez jamais o saibam, a não ser no Reino dos Céus.

No entanto uma coisa é certa. O Universo é grandioso. A sua imensidade esmaga-nos. A sua beleza espanta-nos. Se não soubermos dizer mais nada do que

o salmista: «Os céus proclamam a glória de Deus» já sabemos dizer muito.

(De «O Mineiro»)



Depois do Golpe de Estado em Chipre, que derrubou o presidente Macários, Gregos e Turcos jogaram a bilharda para a posse da ilha. Mas os Grandes espreitavam os acontecimentos; a ONU propõe o cessar fogo e manda os capacetes azuis fiscalizar. Os dois contendores acordaram no cessar fogo, mas os cipriotas ainda vão também acordar com o barulho de uns tiros que são disparados de vez em quando. Vamos a ver se Macários regressa ao seu antigo lugar.

—★—

LISBOA— Foi tornado público que os assassinos do general Humberto Delgado, foram elementos da famigerada PIDE com o conhecimento do Governo de Salazar. Sete dos dez incriminados já estão presos e o processo continua em organização para mais esclarecimentos.

—★—

ROMA— O Papa Paulo VI propõe como tema principal para o Dia Mundial da Paz, em 1 de Janeiro de 1975, «A RENOVAÇÃO DAS PESSOAS E ESTRUTURAS», dizendo que, «A reconciliação é caminho para a Paz. Este tema está em relação com as celebrações do ANO SANTO e a continuidade dos temas dos anteriores Dias da Paz.

—★—

Muitos milhares de pessoas se juntaram em manifestação de agradecimento e apoio ao General Spínola, pelo fim da guerra colonial. Essas manifestações foram as mais grandiosas de que há memória, em Lisboa e Porto.

—★—

ATENAS— Também na Grécia se registou um Movimento Militar para restaurar a Democracia e libertar os presos políticos.

—★—

MADRID— O Generalíssimo Franco esteve em perigo de vida numa clínica, mas recuperou. Entretanto está a organiza-se um Movimento democrático para dar ao povo espanhol mais liberdades e talvez, outro chefe.

—★—

PORTUGAL É CAMPEÃO DO MUNDO DE HÓQUEI EM PATINS, tendo metido 90 bolas nas balizas dos adversários, nos 12 jogos que disputou sem nenhuma derrota.

## « POEMA IDEAL »

*Vai serenamente por entre a agitação e a pressa,  
E lembra-te da paz que pode haver no silêncio,  
Sem seres subserviente,  
Mantém-te tanto quanto possível em boas relações com [todos,*

*Diz a tua verdade calma e claramente,  
E faculta a atenção dos outros,  
Mesmo que te tenham tentado os ignorantes,  
Também eles têm a sua história,  
Evita as pessoas barulhentas e agressivas,  
São mortificações para o espírito,  
Se te comparas com os outros,  
Podes tornar-te presunçoso,  
E melancólico,  
Porque haverá sempre pessoas superiores e inferiores a ti.  
Apraz-te com as tuas realizações tanto como com os teus [planos,*

*Põe todo o interesse na tua carreira,  
Ainda que ela seja humilde,  
É um bem real nos destinos notáveis do tempo,  
Usa de prudência nos teus negócios,  
Porque o mundo está cheio de astúcia,  
Mas que isto não te cegue a ponto de não veres virtude [onde ela existe,*

*Muitas pessoas lutam por altos ideais,  
E em todo o lado a vida está cheia de heroísmos,  
Sê fiel a ti mesmo,  
Sobretudo não simules afeição,  
Nem sejas cínico em relação ao amor,  
E em face da aridez e desencanto,  
Ele é trémulo como a relva,  
Toma amavelmente o conselho dos mais idosos,  
Renunciando com graciosidade às ideias da juventude,  
Educa a fortaleza de espírito para que te salvguarde duma [inesperada visita,*

*Mas não te atormentes com fantasias,  
Muitos receios surgem da fadiga e da solidão,  
Para além duma disciplina salutar,  
Sê gentil contigo mesmo.  
Tu és um filho do Universo,  
E tal como as árvores, e as estrelas, tens o direito de o [habitar,*

*Quer isto seja ou não claro para ti,  
Sem dúvida que o Universo, é a ti que o devemos,  
Portanto, vive em paz com o teu Deus,  
Seja qual for a ideia que dele tiveres.  
E quaisquer que sejam as tuas lutas e aspirações,  
Na ruidosa confusão da vida,  
Conserva-te em paz com a tua alma;  
Com toda a sua falsidade, escravidão, e sonhos desfeitos,  
O Mundo, é ainda maravilhoso.  
Sê cauteloso,  
Luta para seres feliz!*

DELFIN